O PAPEL DA LITERATURA PARA O DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

ELDENOURA EVANGELISTA DA COSTA SOUZA

RESUMO

Este texto tem como objetivo apresentar ao leitor informações essenciais relacionadas à relevância das narrativas infantis. Nas fábulas e nos contos dirigidos às crianças, os pequenos começam a adquirir a percepção de que seus receios e incertezas vão diminuindo à medida que o educador os leva a refletir sobre tais questões. Suas interações sociais se tornam menos conflituosas devido aos momentos de diálogo sobre as regras de convivência e o respeito mútuo. O sentimento de amor surge através do respeito ao próximo, de atitudes altruístas e afetuosas. Dessa forma, a criança vai percebendo que a amizade é uma conquista essencial para o seu dia a dia. As narrativas infantis auxiliam as crianças a lidarem com sentimentos de angústia e frustração. Através delas, as crianças começam a compreender que coisas desagradáveis podem ocorrer na vida de uma pessoa e que são passageiras, pois sempre há alguém bondoso, que pode ser simbolizado pela figura da fada, para ajudar na solução dos problemas, como a mãe, a avó, a tia ou até mesmo a professora.

Palavras-chave: Consideração; Realização; Temores.

INTRODUÇÃO

As Narrativas e os Contos preservam a estrutura de um devaneio, com deslocamento e simbolismo. Por conseguinte, pode-se afirmar que o ato de contar e ouvir histórias estimula a capacidade de fantasiar e, acima de tudo, o anseio de relatar os devaneios, indícios de uma vida imaginativa mais intensa.

É perceptível que quando a criança ou mesmo o adulto lê ou escuta uma narrativa, vivencia experiências diversas e dá origem à imaginação, estabelecendo uma conexão entre a história e sua vida real.

As narrativas e os contos de fadas contribuem para o processo de ensino-aprendizagem, e na cultura brasileira, exercem uma influência significativa.

Através dos contos de fadas, é possível observar os conflitos interiores dos indivíduos, principalmente das crianças, e suas atuações em qualquer sociedade.

Segundo Freud (citado por Franz, 1962), todo sonho é uma expressão relevante da vida interna e sua interpretação é o caminho para compreender o inconsciente. Freud (citado por Franz, 1962, p. 17) percebeu que os sonhos não diferem dos mitos e dos Contos de Fadas, sendo um fenômeno humano universal. Em uma narrativa, a sucessão de eventos representa a experiência interna do herói - uma história latente - em uma linguagem simbólica.

Ao lerem ou ouvirem histórias, as crianças entram em contato com seu material inconsciente ou latente, pois ao se identificarem com os personagens, elas podem avaliar as situações de maneira mais distanciada. Dessa forma, ao entrar em contato com os processos internos, identificando-se com os personagens, os contos permitem que a criança se veja "de fora" da situação, com uma perspectiva mais distante, o que possibilita uma melhor percepção do problema apresentado e das sugestões para a sua solução.

Devemos ter em mente que, ao analisar os significados dos contos, pode haver uma fixação excessiva em certos aspectos não presentes em relatos mais antigos.

Ler um conto de fadas para uma criança, ou permitir que ela o leia sozinha, é importante para auxiliar no desenvolvimento da imaginação e da fantasia. Esses elementos são essenciais para o mundo infantil, uma vez que atuam como uma mediação entre a criança e a realidade, contribuindo para a resolução de conflitos e para a estruturação da personalidade, por meio dos simbolismos representados pelos personagens.

A inclusão de elementos mágicos, personagens em busca de tesouros, heróis com habilidades diversas, entre outros, desperta a curiosidade da criança em relação ao mundo literário, indo além de uma simples história, e permitindo que se trabalhe com os aspectos emocionais de cada indivíduo.

ENREDO DE UMA NARRATIVA

É evidente que a criança internaliza os momentos de sua vida e deseja expressar seus sentimentos por meio das histórias que escuta, portanto, a presença de um psicopedagogo é extremamente crucial durante o processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Amarilha (1997, p. 53):

Ao entrar na trama de uma narrativa, o ouvinte ou leitor penetra no teatro, mas do lado do palco ele não só assiste ao desenrolar do enredo como pode encarnar um personagem, vestir sua máscara e viver suas emoções, seus dilemas. Dessa forma, ele se projeta no outro e por meio desse jogo de espelho, ganha autonomia e ensaia atitu-

des e esquemas práticos necessários à vida adulta.

Nesse sentido, ao ouvir uma narrativa, o indivíduo adentra nela, explorando suas emoções e sentimentos, que podem estar impactando sua vida de alguma maneira.

Os contos de fadas são compartilhados em um território imaginário - um lugar encantado de possibilidades; um herói ou heroína, ou até mesmo ambos, enfrentam provações, terrores e desastres em um mundo que, embora possua certas semelhanças com as condições comuns da existência humana, em grande parte diverge delas em sua funcionalidade, transportando os protagonistas - e nós, leitores ou ouvintes da história - para um outro lugar onde maravilhas são comuns e desejos se realizam.

Os agentes responsáveis por realizar essas maravilhas nas histórias variam de um lugar para outro, emergindo de sistemas de crenças locais enraizados na tradição. Essa tradição pode conter elementos imaginários, mas também traços históricos: fadas e duendes de um lado, bruxas astutas e madrastas de outro. A narrativa frequentemente se configura como uma história imaginada: o rei Arthur inspirou romances que, por sua vez, incorporam motivos dos contos de fadas e tramas - objetos encantados (espadas, espelhos, xícaras), testes e enigmas, perigos de monstros e florestas, viagens oníricas e uma sensação de outro mundo ao alcance da mão. Os contos de fadas evocam todo tipo de violência, injustiça e má sorte, mas não é preciso continuar enfatizando isso.

De acordo com Corso (2006, p. 29):

A transformação dos contos de fadas em relatos bem-comportados e menos grotescos não é absolutamente fruto de arroubos pedagógicos recentes. Por exemplo, já no início do século XIX, ao longo das sucessivas edições das compilações dos irmãos Grimm, é possível acompanhar o progressivo abrandamento das tramas e das personagens, como a transformação da mãe em madrasta.

Segundo Coelho (1998), a obra mais famosa de Perrault foi intitulada “Os Contos da Mãe Gansa”, sendo que esta era uma personagem (Mère l’Oye) de velhos contos populares, muito familiares aos franceses: sua função era contar histórias para seus filhotes fascinados.

Com a publicação dos oitos Contos da Mãe Gansa, nascia a

Literatura infantil, que hoje conhecemos como clássica. Pela primeira vez são publicados A Bela Adormecida no bosque, Chapeuzinho Vermelho, O Barba Azul, O Gato de Botas, As fadas, A Gata Borralheira, Henrique do Topete e O pequeno Polegar, todos eles são originários dos antiquíssimos lais1 ou dos romances céltico-bretões e de narrativas originais indianas, que, com o tempo, transformações e fusões com textos de outras fontes, já haviam perdido seus significados originais. (COELHO, 1988, p.68)

Schneider e Torossian (2009) apresentam outras características presentes nos contos de Andersen, que o estabelecem como o precursor da literatura voltada para crianças: "A literatura destaca três vértices importantes que tornam a obra de Andersen única: a representação da criança por meio de personagens, brinquedos que ganham vida e histórias em que a criança ocupa o papel principal." (2009, p. 137).

Coelho (1998, p. 78) conclui afirmando que: "Em suma, em todos os contos de Andersen, sente-se o esforço de racionalizar o imaginário, em prol de um mundo real mais gratificante para todos os seres humanos.".

Os antigos modelos autoritários, nos quais a criança é apenas receptora passiva de normas, devem ser substituídos por literaturas emancipatórias, que proporcionam à criança um papel ativo e buscam desenvolver e estimular seu pensamento crítico, a fim de que ela se torne um agente de transformação. A literatura leva a criança a questionar sua condição no mundo, considerando que a consciência do mundo surge quando a criança estabelece uma relação com o livro e, a partir disso, atribui significado à sua realidade. No entanto, é importante lembrar que, no caso da literatura infantil, essa mediação entre o leitor e o livro pode ser feita por um adulto leitor.

Daí a importância que se atribui, hoje, à orientação a ser dada às crianças, no sentido de que ludicamente, sem tensões ou traumatismos, elas consigam estabelecer relações fecundas entre o universo literário e seu mundo interior, para que se forme, assim, uma consciência que facilite ou amplie suas relações com o universo real que ela está descobrindo dia-a-dia e onde ela precisa aprender a se situar com segurança, para nele poder agir. (COELHO, 1987, p. 29)

Schneider e Torossian (2009) apresentam outras características presentes nos contos de Andersen, que o estabelecem como o precursor da literatura voltada para crianças: "A literatura destaca três vértices importantes que tornam a obra de Andersen única: a representação da criança por meio de personagens, brinquedos que ganham vida e histórias em que a criança ocupa o papel principal." (2009, p. 137).

Coelho (1998, p. 78) conclui afirmando que: "Em suma, em todos os contos de Andersen, sente-se o esforço de racionalizar o imaginário, em prol de um mundo real mais

gratificante para todos os seres humanos.".

Os antigos modelos autoritários, nos quais a criança é apenas receptora passiva de normas, devem ser substituídos por literaturas emancipatórias, que proporcionam à criança um papel ativo e buscam desenvolver e estimular seu pensamento crítico, a fim de que ela se torne um agente de transformação. A literatura leva a criança a questionar sua condição no mundo, considerando que a consciência do mundo surge quando a criança estabelece uma relação com o livro e, a partir disso, atribui significado à sua realidade. No entanto, é importante lembrar que, no caso da literatura infantil, essa mediação entre o leitor e o livro pode ser feita por um adulto leitor.

Os Contos de Fadas são abstrações. São abstrações de uma saga local condensada, e cuja forma se cristalizou, o que permite ser mais facilmente contada e retida na memória, pois desta forma, toca mais diretamente as pessoas. (1981, p. 33)

Não se pode precisar onde se distingue o mito do conto folclórico. De acordo com Bettelheim(1979), apenas pode afirmar-se que ambos provém de uma sociedade pré - literata.

Estes contos fornecem percepções profundas que sustentaram a humanidade através das longas vicissitudes de sua existência, uma herança que não é transmitida sob qualquer outra forma tão simples e diretamente, ou de modo tão acessível, às crianças. (BETTELHEIM, 1979, p. 34)

Dessa forma, ao explorar as narrativas dos Contos de Fadas, podemos discernir as temáticas que ocupavam a mente de nossos ancestrais. Experiências e vivências que sustentaram a humanidade foram transmitidas por meio das histórias contidas nesses contos, utilizando uma linguagem simples que oferece significado em qualquer fase da vida.

O IMPACTO DAS HISTÓRIAS INFANTIS COMO FORMA DE LITERATURA

Quando a criança se envolve na leitura dessas histórias, ela acredita que seus próprios conflitos podem ser resolvidos da mesma forma. Ao se familiarizar com os temas abordados nos contos, ela compreende melhor o que está acontecendo em seu subconsciente. Além disso, as histórias expandem a imaginação da criança, revelando dimensões que ela não poderia descobrir sozinha, fazendo-a perceber que as situações apresentadas são semelhantes às suas próprias, mas com a presença do elemento maravilhoso, que sempre leva ao desfecho feliz de "viveram felizes para sempre". Isso permite que ela acredite no que o conto conta, pois a forma mágica e otimista de enxergar o mundo apresentada na história está alinhada com a sua própria visão. A criança estabelece, assim, um diálogo entre suas questões internas e externas de maneira mágica, pois ao adentrar esse universo de fantasia, sua imaginação é ativada, permitindo que ela recrie outro mundo de acordo com seus desejos.

"A criança entra na fase de latência utilizando o mecanismo de sublimação, e a aprendizagem escolar pode se tornar muito gratificante, pois ela a encara como uma forma de brincadeira e de reparação de objetos internos" (TINOCO, 1999, p. 25).

Segundo as teorias de Freud (citado por Fromm, 1962), todo sonho é uma expressão relevante da vida interior e sua interpretação é o caminho para compreender o inconsciente. Freud (citado por Fromm, 1962:17) percebeu que os sonhos não são diferentes dos mitos e dos Contos de Fadas, sendo fenômenos humanos universais. Em uma história, a sucessão de eventos representa a experiência interna do herói - uma história latente - por meio de uma linguagem simbólica.

Quando as crianças leem ou ouvem os Contos de Fadas, elas entram em contato com seu material inconsciente/latente, pois ao se identificarem com os personagens, podem avaliar as situações de forma mais distanciada. Ao entrar em contato com os processos internos e se identificar com as personagens, os contos permitem que a criança se veja "de fora" da situação, com uma perspectiva mais distanciada, o que facilita a compreensão do problema apresentado e das sugestões para a solução.

Devemos ter em mente que, ao analisar os significados dos contos, pode haver uma fixação excessiva em certos aspectos que não estão presentes em relatos mais antigos.

O PSIQUISMO E AS HISTÓRIAS INFANTIS

A influência das histórias infantis na psique das crianças é notável.

Essas narrativas, coletadas e registradas por estudiosos como os irmãos Grimm, ETA Hoffman e Hans Christian Andersen, têm sido objeto de análise por teóricos como Freud, Jung e Bettelheim. Eles argumentam que essas histórias ressoam profundamente na mente humana devido a diversos motivos.

Para Jung, os personagens dos contos de fadas são arquétipos que representam diferentes aspectos da nossa personalidade. Embora possam parecer unidimensionais, cada personagem retrata uma faceta específica do ser humano. Por outro lado, Freud

acreditava que os contos de fadas emergiam do mesmo lugar dos sonhos, revelando desejos reprimidos e fantasias de realização. Motivos como florestas e espinhos eram interpretados por Freud como símbolos de desejos sexuais reprimidos.

Essas teorias psicanalíticas influenciaram o trabalho de Bruno Bettelheim, autor de "The Uses of Enchantment", que se tornou um sucesso na década de 1970. Bettelheim explorou como os contos de fadas abordam questões psicológicas profundas. Por exemplo, ele interpretou a floresta presente em "Os Dois Irmãos" como um símbolo do confronto com a escuridão interior e a incerteza sobre a identidade. Ele também encontrou complexos de Édipo e Electra em contos como "Branca de Neve" e "A Bela Adormecida".

As diferentes teorias psicanalíticas podem ser agrupadas em várias escolas de pensamento, mas todas enfatizam o poder manipulativo dos elementos inconscientes na mente humana. A teoria topográfica, derivada do trabalho de Freud em "A Interpretação dos Sonhos", descreve a mente como um espaço onde ocorrem conflitos e processos inconscientes.

Além disso, a psicologia do ego, proposta por Freud e refinada por outros teóricos, sugere que o ego é autônomo e que as funções mentais são independentes de sua origem. Essas funções incluem controle motor, percepção sensorial, pensamento lógico, abstração, adaptação, julgamento de perigo, pensamento simbólico, tomada de decisões, concentração, orientação, fala e autopreservação.

Existem diferentes abordagens psicanalíticas, como a psicanálise de Jacques Lacan, que integra filosofia, semiótica e psicanálise. Cada abordagem tem seu enfoque particular, mas todas têm em comum a importância da obra de Freud como base para a compreensão da psicologia humana.

Em suma, as histórias infantis têm um impacto significativo no psiquismo das crianças. Elas abordam questões profundas da psicologia humana de forma simbólica e despertam a imaginação, permitindo que as crianças se identifiquem com os personagens e reflitam sobre suas próprias experiências e desafios internos.

A pedagoga brasileira Fanny Abramovich (2006, p. 120) diz que:

Os contos de fadas estão envolvidos no maravilhoso, um universo que denota fantasia, partindo sempre duma situação real, concreta, lidando com emoções que qualquer criança já viveu... Porque se passam num lugar que é apenas esboçado, fora dos limites do tempo e do espaço, mas onde qualquer um pode caminhar... (...) Porque todo esse processo é vivido através da fantasia, do imaginário, com intervenção de entidades fantásticas (bruxas, fadas, duendes, animais falantes, plantas sábias"...).

Apesar de a imaginação ser "não real", os sentimentos positivos que ela desperta em relação a nós mesmos e ao nosso futuro são "reais", e são esses sentimentos positivos reais que precisamos para nos sustentar (Bettelheim, 2000, p. 157).

A LITERATURA E SEU PAPEL NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM E ALFABETIZAÇÃO

Pode-se afirmar que desde a mais tenra idade, a criança se envolve com a literatura como uma forma de brincadeira, diversão ou entretenimento. Quando ingressa na escola, também tem contato com a literatura não apenas para fins recreativos, mas com outras intenções: aprender a ler e escrever, adquirir conhecimento cultural, moral, religioso e pedagógico. Nesse contexto, é relevante mencionar as observações de Rodríguez (1991), que destacou que desde o nascimento, a criança é exposta a produtos literários que sua cultura oferece para diversos propósitos, por meio de diferentes mídias, como televisão, rádio e cinema. Ela ouve canções de ninar, é contada histórias ou histórias são lidas para ela.

À medida que a criança começa a falar, ela brinca com as palavras, canta canções e aprende a decifrar enigmas. Esse fato determina que as crianças possam assimilar algumas regras ou características da linguagem literária de forma inconsciente. Isso permite que elas desenvolvam esquemas de antecipação sobre o funcionamento da linguagem escrita, o que será de grande utilidade para a aprendizagem da leitura.

Portanto, o gosto pelas histórias está entre as primeiras atividades espontâneas de expressão oral e leitura da criança. Esse gênero literário é amplamente utilizado pelos professores para ensinar a leitura em sala de aula, sendo, portanto, amplamente difundido, apropriado e aceito em todas as faixas etárias (Vannini, 1995).

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com a sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence. As instituições de educação infantil podem resgatar o repertório de histórias que as crianças ouvem em casa e nos ambientes que frequentam, uma vez que essas histórias se constituem em rica fonte de informações sobre as diversas formas culturais de lidar com as emoções e com as questões éticas, contribuindo na construção da subje-

tividade e da sensibilidade das crianças (RCNEI, 1998, p. 143).

Da mesma maneira, o conto é uma ferramenta que estimula o pensamento criativo, imaginativo e crítico das crianças, permitindo que elas se expressem de diversas formas. Desde os estágios iniciais da educação e pré-escola, as crianças demonstram interesse em explorar e se envolver com diferentes materiais de leitura e escrita, que as encorajam a expressar suas experiências e vivências reais e imaginárias, dando origem à manifestação de suas próprias ideias, emoções e sentimentos, permitindo assim que seu mundo interior se manifeste. Portanto, o uso de contos se torna uma ferramenta didática valiosa para acompanhar as crianças de maneira emocional e criativa em seu processo de formação.

A literatura infantil desempenha um papel significativo na transmissão de cultura, na integração de diferentes áreas do conhecimento, como história, música, arte, psicologia, sociologia, entre outras, no enriquecimento de conceitos e valores. Além disso, a literatura desempenha um papel fundamental tanto na escola quanto em casa como uma ferramenta que facilita a abordagem dos processos de leitura e escrita.

O principal objetivo de incorporar momentos regulares de leitura na sala de aula deve ser baseado na recreação e na curiosidade, e não apenas como uma tarefa escolar. Para isso, o primeiro contato nos primeiros anos deve ser interessante e agradável, com o professor lendo e contando histórias para os mais jovens por meio de livros com ilustrações atraentes. Acredita-se que o professor deva ser o mediador entre a criança e o texto, pois a pessoa aprende a ler lendo boas obras literárias, com abordagens inteligentes e progredindo gradualmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É de extrema urgência promover o prazer da leitura tanto no ensino primário quanto no ensino secundário, considerando o aumento do tempo livre das crianças e dos jovens. A habilidade de ler não tem sentido a menos que seja exercida. Os professores que valorizam essa premissa oferecem oportunidades e disponibilizam uma ampla gama de literatura escrita para as crianças.

O encontro entre crianças e livro na escola pode ocorrer de forma criativa (ou seja, construtivista) ou de forma tradicional (ou seja, comportamental). Quando ocorre uma situação criativa, em que a vida é valorizada em vez da rotina, pode-se despertar o gosto pela leitura, uma habilidade que não nasce com a pessoa, mas é desenvolvida ao longo do tempo.

Nesse sentido, é notável que a apreciação da literatura infantil e juvenil, iniciada na pré-escola e nas primeiras séries por meio de contos e dramatizações, seja interrompida ao longo da trajetória escolar. É lamentável a pouca ênfase dada em sala de aula a esse material de leitura durante um período em que as crianças e os jovens começam a ler com maior autonomia e quando seus interesses e preferências podem ser facilmente cultivados.

É sabido que algumas crianças aprendem a ler com facilidade, enquanto outras enfrentam dificuldades ao longo do caminho. Independentemente da abordagem utilizada pelos professores e pais para ajudá-los, é essencial expô-los e envolvê-los com "livros reais". Quando os livros são disponibilizados para as crianças e os jovens, eles começam a buscá-los e sua capacidade de leitura se expande. A disponibilidade está associada ao interesse, enquanto a falta dela pode levar tantas crianças quanto adultos a enfrentarem dificuldades na leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARILHA, Marly. Estão mortas as fadas? Literatura infantil e prática pedagógica. Petrópolis: Vozes, 1997.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

COELHO, Beth. Contar histórias: uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 2001.

CORSO, D. L.; CORSO, M. Fadas no Divã: psicanálise nas Histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIAS, Ana Flávia Araújo. A importância dos contos de fadas no desenvolvimento infantil. Revista Pátio Educação Infantil. São Paulo, ano III,

n.7, maio/junho 2005.

ESCALANTE, D. Práticas de alfabetização em uma sala de aula de língua inteira da primeira série: um professor em transição. Tese de doutorado Purdue University, EUA. 1995.

FRANZ, Marie-Louise Von. A interpretação dos contos de fada: Uma introdução à psicologia dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

RCNEI, Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental, MEC/SEF, v. 3, Brasília, 1998. RIBEIRO, E. A contribuição da contação de histórias para a aprendizagem na educação infantil. Monografia, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2010.

SALINAS, P. O defensor. Madrid: Alliance. 1993.

SANTOS, A. F.; RODRIGUES, G. P.; ASSUNÇÃO, M. B. & FLAVIANO, S. L. L. “Quem quiser que conte outra”: A contação de histórias como prática educativa. In.: III Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG –

Inovação: Inclusão Social e Direitos, Pirenópolis, 2016.

VANNINI, M. Literatura infantil. Caracas: Universidade Nacional Aberta. 1995.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. São Paulo: Global, 2003.